

# ETTORE BAROCAS<sup>1</sup>

(Viareggio, Itália, 1925; S. Paulo, Brasil, 2008)



Ettore Barocas, s. d.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Barocas/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 História de vida elaborada com base na entrevista concedida por Ettore Barocas a Arielle Segre. S. Paulo, 12 de agosto de 2007. Pesquisa, transcrição e revisão: Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

## *Minhas raízes ítalo-judaicas*

Meu nome é Ettore Barocas. Nasci em Viareggio (Itália) em 1925, filho de Leone Barocas e Marta Pacifici Barocas (1864-1983). Éramos três irmãos: Arnoldo, Inês e eu. Meu pai nasceu em Pietrasanta (Toscana, Itália), em 20 de janeiro de 1887, e era filho de Ettore Barocas e Inês Barocas. Minha mãe nasceu em Viareggio (Itália), em 22 de novembro de 1901, sendo filha de Carlo Salvatore Pacifici e Miriam Eugenia Orvieto Pacifici.<sup>2</sup> Éramos tradicionais e, em Viareggio, íamos à sinagoga no *Shabat*\* e nas grandes festas.



Viareggio (Toscana, Itália), cidade de nascimento de Ettore Barocas.

Google Maps.

<sup>2</sup> Marta Barocas Pacifici faleceu em 28 de novembro de 1983; e Leone Barocas, em 20 de fevereiro de 1960, ambos em S. Paulo (Brasil) e foram enterrados no Cemitério Israelita do Butantã.

## *As leis raciais na Itália fascista*

Meu pai, Leone Barocas, antes da promulgação das leis raciais na Itália em 1938, havia sido fascista e participado da fundação da seção do *Fascio de Pietrasanta*. Lembro aqui que Pietrasanta era a sua terra natal. A proclamação das leis raciais foi um raio em céu sereno para minha família, que quase não queria acreditar que Mussolini houvesse chegado a tanto. Antes de ser expulso, como judeu meu pai trabalhava no Instituto Nazionale Assicurazioni (INA), um modelo de instituição pública na seção de seguros de vida.<sup>A</sup> Minha mãe tinha uma mercearia. Meu pai, assim como os demais judeus italianos, deixou o Partido Fascista e foi demitido do INA



Leone Barocas, soldado na Primeira Guerra Mundial.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Barocas/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A- O Instituto Nacional de Seguros (INA) foi criado em 4 de abril de 1912 como um modelo de instituição pública para exercer um monopólio sobre o seguro de vida na Itália. Em 25 de julho de 1923, encerrou-se este esse monopólio com a criação da Assitalia como O Seguro Itália, Sociedade Anônima, com a participação do INA. No ano seguinte, o INA introduziu o “seguro popular”, no contexto de uma Itália fascista, até adquirir em 1927 a totalidade do capital da Assitalia. Em 1927, o INA adquiriu a totalidade do capital da Assitalia. Entre 1949 e 1963, interferiu no plano da habitação sendo, então, considerado a maior intervenção do governo na Itália na indústria da construção. Somente em 1998 o governo conseguiu privatizar o INA, em favor de *Real Estate da União* (Unim), e, no ano 2000, o INA e a Assitalia tornaram-se parte do Grupo Generali que, em 2006, tornou-se a empresa INA Assitalia SpA.

por ser judeu e não ter o direito de ocupar cargos públicos. Continuamos a viver com o dinheiro do trabalho de mamãe.

Quando tentei me matricular na quarta série ginásial, não me aceitaram por ser judeu. Eu poderia ter insistido alegando que meu pai era fascista e que havia lutado pela Itália como voluntário em duas guerras: guerra da Líbia (1911-1912)<sup>A</sup> e, depois, na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Eu não deveria ser discriminado, simplesmente por ser judeu, mas não me ouviram. Diante da impossibilidade de apelar para o *Jus Sanguinis* (direito à cidadania aos de antiga origem), da recusa da minha matrícula em uma escola pública e de colocar-se no mercado de trabalho de uma Itália fascista, meu pai decidiu emigrar. O fato determinante da decisão de meu pai foi eu ter sido impedido de entrar na escola.

## *O Brasil como destino*

Escolhemos o Brasil como pátria de destino porque um primo de meu pai, Luciano Ventura, já estava nesse país. Conseguimos um visto de turista para o Brasil com o cônsul de Livorno, graças à intervenção de uma agência de turismo que havia nos vendido as passagens de navio. Vendemos todos os nossos bens, cujos valores entraram pouco a pouco no Brasil, após conseguirmos o visto permanente.

Viajamos a bordo do transatlântico *Principessa Giovanna*,<sup>B</sup> em classe única, que estava cheia de judeus austríacos e alemães que iam para a Bolívia. Nós éramos os únicos judeus italianos. Desembarcamos em Santos, em 29 de maio de 1939.

Prosseguimos para S. Paulo, com a intenção de nos hospedarmos em uma pensão na Praça da República. Assim

**A-** A Guerra Ítalo-Turca, Turco-Italiana ou Guerra da Líbia foi um conflito armado entre o Império Otomano e o Reino Unido da Itália que disputavam a posse da Líbia. O conflito teve início em 28 de setembro de 1911, quando a Itália apresentou ao governo otomano um ultimato exigindo a ocupação da Tripolitânia e Cirenaica alegando necessidade de proteção dos italianos que lá viviam e estavam sendo ameaçados por muçulmanos extremistas. A guerra foi declarada no dia seguinte, em 29 de setembro, quando a Itália transportou 50 mil soldados do seu Exército para a costa da Líbia, sem encontrar resistência por parte dos otomanos cuja marinha era fraca se comparada às forças da Marinha italiana. Sem contar com o apoio do Egito (declarado neutro), o Império Otomano não teve condições de defender o norte da África.

**B-** O navio transatlântico *Principessa Giovanna* integrava a frota da *Italia Flotte Riunite*, que agrupava três grandes armadoras da península: *NGI*, *Cosulich* e *Lloyd Sabauda*. Todos os seus navios foram pintados com a nova chaminé branca com topo vermelho e banda verde. Até 1940, o *Principessa* voltou a servir a Rota de Ouro e Prata, com apenas uma interrupção – quando, em 1935, foi usado como transporte de tropas, por alguns meses, durante a Campanha da Abissínia. Para o período bélico, entre 1940 e 1943, seu uso foi bastante obscuro, permanecendo em águas territoriais italianas. Com a assinatura do armistício entre a Itália e os países aliados, em 8 de setembro de 1943, o transatlântico foi entregue às autoridades britânicas e convertido em navio-hospital, função que guardou até 1946, operando no Mediterrâneo. Naquele ano, retornou a Gênova para ser novamente reformado como navio de passageiros. Em janeiro do ano seguinte, de casco todo branco e com as cores da Itália, retornou ao serviço comercial, reinaugurando a linha para a América do Sul no período pós-bélico, dessa vez com o seu novo nome na proa: *San Giorgio*, vendido em 1952 ao *Lloyd Triestino*, outra grande armadora italiana, e demolido no ano seguinte no porto de Savona.

*Ettore Barocas*

N.º \_\_\_\_\_ SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

**REGISTRO DE ESTRANGEIROS**

NOME: ETTORE BAROCAS

Admitido em território nacional em caráter: PERMANENTE (ART. 163 § 6º dec.3010)

Nacionalidade: ITALIANA

Data de nascimento: 21.6.1925 Estado civil: SOLTEIRO

Pai: LEONE BAROCAS Mãe: MARTA PACIFICI

Profissão: BANQUEIRO

Registro Geral N.º: 869.602 Carteira N.º: 266.961-EXP. 7.10.46

Residência: RUA BARÃO DO BANANAL Nº 32

Emprego: BANCO NACIONAL DA CIDADE DE SÃO PAULO

Local: RUA SÃO BENTO Nº 341  
10.10.46

T. D. I. - Mod. 162

*[Assinatura]*  
DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS



Registro de estrangeiros de Ettore Barocas, S. Paulo, 10.10.1946.  
Secretaria de Segurança Pública de S. Paulo. Acervo: Arquivo  
Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 31667

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso: Leone Barocas

Admitido em território nacional em caráter: Temporário  
(grupos de passageiros)

Nos termos do art. 25 letra B do dec. n. 2010, de 1938

Lugar e data de nascimento: Pietrasanta 20/1/1897

Nacionalidade: Italiana Estado civil: CESADO

Filiação (nome do Pai e da Mãe): Ettore Barocas e Iole Pesetti

Profissão: emp. de comércio

Residência no país de origem: Viareggio

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 840774 expedido pelas autoridades de Polícia de  
Luca na data 20/3/1939

visado sob n.º 72.-

ASSINATURA DO PORTADOR:  
*Leone Barocas*

Consulado \_\_\_\_\_ do Brasil  
em Livorno  
30 de Março de 1939  
CONSUL. *[Assinatura]*

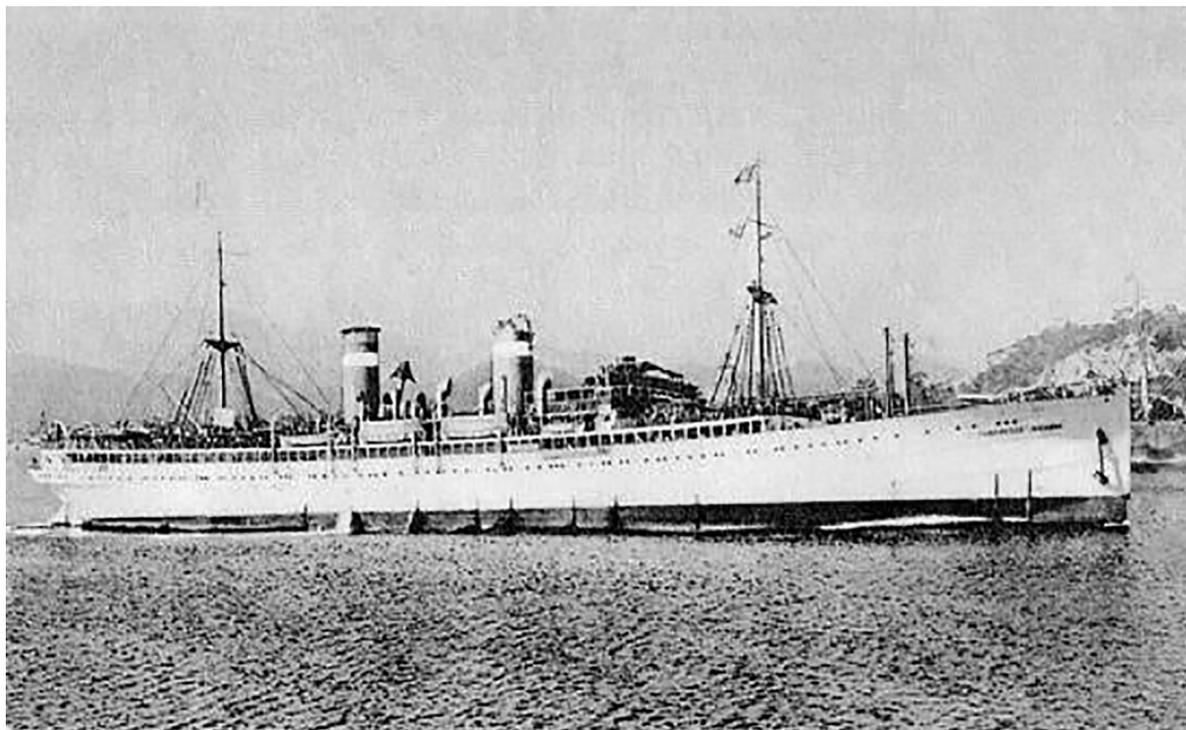
NOTA.—Esta ficha deve ser apresentada à autoridade consular, sendo os dados em original.



Ficha consular de qualificação de Leone Barocas, emitida pelo  
consulado-geral do Brasil em Livorno, em 30 de março de 1939.  
Acervo: Arquivo Nacional/RJ.

que o meu pai percebeu que era um bordel, transferimo-nos para uma outra pensão na Rua Canuto do Val. Tempo depois, fomos residir em uma casa no bairro do Belém, próxima da fábrica onde meu pai trabalhava.

No início estávamos muito desambientados, pois não existia nenhuma comissão de ajuda especial para nós, judeus italianos. Como estrangeiros tínhamos medo de tudo. Fomos até roubados por um despachante que tentava obter o visto permanente e que pediu e conseguiu um conto de réis (mil dólares hoje) para cada pessoa da família. No total, três contos de réis!



Navio Princesa Giovanna com as cores originais do Lloyd Sabauda.  
Cartão-postal de J. C. Rossini, década de 1920.

Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/rossini/pgiovann.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2017.



Ettore Barocas (da esquerda para a direita: o quarto à frente) e o pai, Leone Barocas, no navio Princesa Giovanna quando emigravam para o Brasil. Itália, 1939.

Fotógrafo não identificado. Acervo: Barocas/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Nem mesmo a polícia conseguiu reaver o dinheiro extorquido. Conseguimos, mais tarde, a carteira modelo 19, vermelha, aquela para estrangeiros, não a carteira permanente, que era verde.



Leone Barocas, s. l., s. d. Fotografia não identificada.  
Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

Apesar dessas dificuldades iniciais, nós nos ambientamos bem depressa na vida brasileira, compartilhando nosso cotidiano com outras famílias italianas, também refugiadas, que participavam dessa mesma comunidade: Anau, Ventura, Camerini, Bolaffi, Temin, Levi, Bondi, Pirani e Coronaldi. Esse grupo ficou conhecido em S. Paulo como a “Colônia Mussolini”, mas nada tínhamos de fascistas, ao contrário, fomos perseguidos e expulsos pelo regime imposto por Mussolini.

A nossa família, assim como tantos outros italianos, frequentava a Sinagoga da Abolição<sup>A</sup>, cujo ritual era conduzido por Jacob Mazaltov,<sup>B</sup> que rezava em português, com quem

**A-** Os judeus sefarditas de S. Paulo costumavam frequentar um destes três templos na cidade: a *Sinagoga da Abolição*, também conhecida como *Sinagoga Sefaradi de S. Paulo*, que foi inaugurada em 9 de junho de 1929 na Rua da Abolição, no centro, sendo a primeira sinagoga sefardi de S. Paulo. Foi aberta com o nome do templo da “Comunidade Israelita Sefaradim”. Em 1946, a congregação mudou o nome para *Templo Israelita do Rito Português*, passando a acolher judeus vindos da Bulgária, Itália, Alemanha, Grécia, Portugal e Espanha. Em 1963 foi reformada com recursos da família Safra, e passou a se chamar Templo Israelita Ohel Yaacov. Dois anos depois, em outubro 1965, o terreno foi vendido e a sinagoga foi demolida.

Além deste templo, os judeus sefarditas contavam com a *Sinagoga Israelita Brasileira* na Rua Odorico Mendes, 20-A, na Mooca, fundada por judeus de língua árabe provenientes do Oriente Médio, sendo muitos deles originários de Sidon. O edifício foi construído em 1930 e a sua construção foi possível com a chegada de um grupo de judeus sefarditas orientais; e a *Sinagoga da União Israelita Brasileira*, que atendia aos judeus de Safed, cidade do distrito Norte, na província da Galileia, em Israel.

**B-** Jacob Mazaltov nasceu em Istambul, em 1883, no antigo bairro judeu de Haskoy, vindo de uma família de rabinos. Para manter a tradição, seu pai o enviou para estudar na Alexandria, onde concluiu os estudos de rabinato. Contrariando o desejo do pai, emigrou para o Brasil para trabalhar no comércio. No Rio de Janeiro, conheceu Dora Hazan, nascida em Urlá, nas cercanias de Esmirna, com quem se casou. Partiram para Buenos Aires, onde começou a exercer o rabinato, seguindo para Montevidéu, onde atuou em uma sinagoga entre 1922 e 1923. Retornou ao Brasil e, em S. Paulo, oficiava como se estivesse nas velhas sinagogas da Turquia. Inovador, marcou as cerimônias dos casamentos que realizava na Sinagoga da Rua Abolição, pelo fato de fazer a quebra do copo com um martelinho que trazia dentro

meu pai – mais conservador – não concordava. Mais tarde, o Rabino Mazaltov foi substituído por Diesendruck, que então se iniciava como rabino do templo. Foi nessa época que Enzo Ventura se tornou “diretor de culto”. Os asquenazitas, por sua vez, preferiam frequentar a Congregação Israelita Paulista (CIP), liderada pelo rabino Fritz Pinkuss, de origem alemã, também refugiado do nazismo no Brasil. Minha família procurou um outro templo, como a sinagoga Beth-El. Mas, depois, voltamos a frequentar a Sinagoga da Abolição, localizada na Rua da Abolição, no bairro da Bela Vista.<sup>A</sup>



Sinagoga da Abolição frequentada pelos judeus italianos refugiados em S. Paulo, 1929.

Acervo: Tucci/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Passei a fazer parte de um grupo de jovens judeus italianos que se reuniam no Edifício Esther, na Praça da República. Esse grupo havia sido formado por Enzo Ventura,<sup>B</sup> diretor de culto da Sinagoga da Abolição, que organizava interessantes atividades religiosas e recreativas.

Estudei no Colégio Dante Alighieri, cujo diretor, Ventura, fazia discursos contra os judeus, taxando-os de maçons e anti-italianos. No Dante, todos os sábados, como na Itália, reuniam-se os *balilas*, enquanto a Juventude Fascista

de um estojo de madeira. No rabinato da Sinagoga Sefaradi de S. Paulo, também chamada do Rito Português, ficou até 1948 aproximadamente, deixando provas de seu pioneirismo e da amplitude de visão sempre dentro do espírito religioso, respeitando a *Halachá\** (legislação judaica). Traduziu para o português o ritual de orações para as festas de *Rosh Hashaná\** e *Yom Kipur\** conforme o rito sefardi. Cf. KOCHEN Clara. Jacob Mazaltov: um pioneiro inovador e criativo, In: *Gerações Brasil. Boletim da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil*, S. Paulo, v. 12, fev. 2004. Disponível em: <[http://www.ahjb.org.br/pdf/jornal\\_feb04.pdf](http://www.ahjb.org.br/pdf/jornal_feb04.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2017.

**A- Sinagoga da Abolição:** uma casa de oração aberta a todos, sempre foi um espaço plural e deve ser considerada como o símbolo da tolerância que caracterizou os judeus sefarditas radicados em S. Paulo e Rio de Janeiro, principalmente. Foi construída em um terreno situado na Rua da Abolição, no bairro da Bela Vista, comprado em 21 de agosto de 1927 cuja pedra fundamental foi lançada em novembro de 1928. Em 9 de junho de 1929, o templo foi inaugurado com o nome de *Comunidade Sefardim* de S. Paulo na presença do rabino Isaiás Raffalovitch, principal representante da liderança judaica daquele período. Além dos imigrantes judeus sefarditas e orientais oriundos de diversas cidades do Oriente Médio, recebeu também os búlgaros e os iugoslavos que haviam fugido das perseguições antissemitas na Europa tumultuada durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Rachel Mizrahi, “além dos sefarditas balcânicos, a sinagoga recebeu os imigrantes do Líbano, da Síria, do Egito e de outros países árabes, quando as suas comunidades se desintegraram, pressionadas pelos conflitos no Oriente Médio após 1948”. Acolheu vários refugiados italianos que optaram por residir no Brasil após a promulgação das Leis Raciais na Itália em 1938, entre os quais estava a família de Bruno Levi, sobrinho do imigrante italiano Raffael Mayer, radicado em S. Paulo desde 1926. Ver MIZRAHI, Rachel. *Imigrantes judeus do Oriente Médio. S. Paulo e Rio de Janeiro*. S. Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 112-114.

**B-** Enzo Ventura era casado com Fausta Sermarini, musicista, sendo ambos de Trieste (Itália). Assim como Ettore Barocas,



Sinagoga Israelita Brasileira<sup>A</sup> (1930). Fotografia: Camilo Zayit Seleguini. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/sinagoga-israelita-brasileira/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

organizava as suas reuniões e desfiles após o trabalho, no Palestra Itália. Por tudo isso, fui transferido para o Colégio Mackenzie. No início, meu pai abriu uma fábrica de sabão na Avenida Celso Garcia, em um bairro chamado Belém. Nessa época, apareceu a primeira máquina de lavar na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem), que funcionava com sabão em pó, que ainda não existia para esse consumo. Então se fazia necessário ralar o sabão de coco, bem seco!!! Mas os problemas para importar a matéria-prima levaram a família a vender a fábrica e abrir uma metalúrgica com um sócio, Giulio Bolaffi, pai de meu amigo Gabriel Bolaffi.

Quando o Brasil entrou em guerra contra as potências do Eixo, em 1942, meu pai, como italiano, precisou transferir a firma a um brasileiro e, como administrador, foi escolhido o nosso contador de confiança. Ele se revelou um velhaco e roubou tudo. Nesse momento, meu pai desistiu de trabalhar por conta própria e foi trabalhar na firma de tecidos de

veio para o Brasil em 1939. Fixou-se em S. Paulo onde atuou como empresário da Fábrica Americana de Meias, uma indústria têxtil que conquistou importante espaço no panorama econômico brasileiro da década de 1940. Segundo Rachel Mizrahi, “assim que chegaram, os Ventura passaram a frequentar a Sinagoga da Abolição, embora não apreciassem a condução dos rituais pelo Rabino Mazaltov”. Quando este foi substituído pelo rabino Diesendruck, Enzo Ventura tornou-se “diretor de culto”. Sobre o tema ver: MIZRAHI, Rachel, 2003, op. cit., p. 115-116.

A- A pequena Sinagoga Israelita Brasileira (Mooca) é uma das mais antigas construções da Rua Odorico Mendes, 20-A. Tem suas origens relacionadas com o final da Primeira Guerra Mundial e o fim do Império Otomano. Sua construção foi possível com a chegada de um grupo de judeus sefarditas orientais ao Brasil, que eram distintos em seus grupos idiomáticos: o árabe e o ladino. Enquanto o grupo que falava ladino dirigiu-se para o bairro de Higienópolis, os que falavam a língua árabe e eram originários de Sidon, atual Líbano, radicaram-se na Mooca. A Sinagoga Israelita Brasileira da Mooca foi construída em 1930, após autorização e liberação da planta do templo religioso, em expediente público de 10 de junho de 1930. Alguns meses depois da autorização, a sinagoga foi inaugurada, transformando-se em importante ponto de encontro da comunidade judaica sefardita de regiões como Mooca, Cambuci e Brás. A grande leva de imigrantes judeus para esta região levou à criação, alguns anos depois, de outra sinagoga na mesma rua, esta segunda denominada União Israelita Paulista. Cf. <http://www.saopauloantiga.com.br/sinagoga-israelita-brasileira/>.

Ivo Faldini, outro judeu italiano, mas que havia emigrado antes da aprovação das leis raciais na Itália. Fui trabalhar no banco de Raffael Mayer, judeu triestino radicado em S. Paulo desde os anos 1920 e que aqui havia enriquecido. Mais tarde, fui contratado pela empresa Suzano Papéis e Celulose, de Leon Feffer,<sup>A</sup> começando como vendedor e me tornando, a seguir, diretor do setor de exportações. Afastei-me em 1955.

Até o fim da guerra, não tínhamos notícias sobre o que acontecia na Itália, mas não perdemos parentes durante o Holocausto. A família sempre evitou contatos com os vários italianos fascistas que atuavam em S. Paulo. Lembro-me da existência de um grupo antifascista italiano, dirigido por Tamagni e Orlandi (sócio do amigo Rimini em uma gráfica), chamado “Movimento Itália Livre”.

Sou casado com Fany Cogan, de origem moldava, que conheci no grupo sionista Betar, do qual participávamos. Lembro-me de que enfrentamos certa resistência por parte dos pais de Fany que duvidavam da origem judaica dos Barocas, pois meu pai Ettore não parecia judeu e nem falava o ídiche. Tivemos três filhos: Eliezer, que vive em Israel; Débora, que vive em Ubatuba (SP); e Judith, que mora aqui, em S. Paulo. Não transmitimos a cultura italiana aos nossos filhos, porém Eliezer e sua família conseguiram obter o passaporte italiano. Falávamos italiano enquanto minha mãe vivia, depois decidimos que seria o português.

Sempre fui sionista, fiz parte do Movimento Sionista Betar e colaborei com a Organização Sionista Unificada, da qual fui diretor por muitos anos. Também fui diretor

A- Leon Feffer nasceu em Kolkki (Ucrânia), em 27 de novembro de 1902. Emigrou para o Brasil em 1920 com a mãe, um irmão e duas irmãs, estabelecendo-se como comerciante em S. Paulo, atuando na venda de diversos tipos de mercadoria, entre eles o papel. Durante as décadas de 1920 e 1930, consolidou sua atuação no comércio e ampliou suas atividades, abrindo uma tipografia e uma pequena fábrica de envelopes, além de manter uma loja própria. Casou-se com Antonietta Feffer. Em 1939, Leon decidiu desfazer-se de todos os seus bens (empresa e imóveis) para levantar capital e montar sua própria fábrica de papel que foi instalada no bairro do Ipiranga, dando origem a Suzano Papel e Celulose. Integrou um grupo de importantes empresários judeus radicados em S. Paulo que, no final da Segunda Guerra Mundial, representou os interesses da Joint, entidade americana que teve importante papel no salvamento de judeus perseguidos pelos nazistas. Participavam do grupo ao lado de Feffer: Salo Weissmann e Romeu Mindlin. Leon Feffer tem seu nome ligado à fundação de várias instituições comunitárias como Casa de Cultura de Israel, Federação Israelita do Estado de S. Paulo, Hospital Albert Einstein, Colégio Renascença e Clube A Hebraica. Entre 1956 e 1981, exerceu o cargo de cônsul de Israel no Brasil. Faleceu em S. Paulo, em 7 de fevereiro de 1999.

*Ettore Barocas*

do Colégio Israelita Peretz e sou conselheiro vitalício do Clube Hebraica. Quando a guerra acabou, nunca pensamos em voltar para a Itália; não sentíamos saudades do país e agora, quando vamos à Itália, é para turismo. Lá, na nossa terra natal, nos sentimos quase estrangeiros.